

XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

URBANIZAÇÃO, URBANIDADE E DINÂMICAS CULTURAIS: PROXIMIDADE SOCIOESPACIAL E
AÇÕES COLETIVAS EM JACAREÍ, SP

Bianca Siqueira Martins Domingos (Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP) -

biancasiqueira.m@gmail.com

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional na Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP com bolsa CAPES e disciplinas cursadas como Aluna Especial no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e

Cilene Gomes (Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP) - cilenegomes2011@gmail.com

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1994, 2001). Estágios de pós-doutorado concluídos no Instituto de Pesquisa e Planejamento da Univer

Bianca Marques Costa Nogueira (Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP) -

bianca.nogueira161998@gmail.com

Graduanda em História na Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq.

Urbanização, urbanidade e dinâmicas culturais:

Proximidade socioespacial e ações coletivas em Jacareí, SP

INTRODUÇÃO

Reflexões sobre as relações entre urbanização e urbanidade; estudos sobre a cidade de Jacareí, em seu contexto regional e municipal, e pesquisas sobre dinâmicas culturais e ações coletivas, desenvolvidos recentemente, confluem na intenção de elaboração deste artigo. Em última instância, pretende-se ressaltar a força de coesão que as atividades culturais têm gerado em suas dinâmicas fundadas em organização coletiva e ações em torno de objetivos em comum, sobretudo em realidades periféricas desprovidas de atenção do Estado.

É frequente considerar que as transformações históricas da organização sócio territorial ocorridas no país durante o século XX e, com mais ritmo em Jacareí, após os decênios de 1970 e 1980, ocasionaram intensa urbanização e expansão do espaço construído, em simultâneo a relações interurbanas também numerosas e frequentes no âmbito regional e inter-regional. Ao par desse processo histórico de urbanização capitalista, integrada técnica e economicamente (SILVA NETO, 2002), mas socialmente desigual, constitui-se e se transforma a urbanidade dos lugares – um modo de viver urbano inscrito na história de nosso tempo globalizado, e mesclado, em suas dinâmicas socioculturais, à dimensão simbólica de heranças e identidades regionais ou locais.

A história secular da cidade de Jacareí contextualiza-se no processo de ocupação, povoamento e urbanização da região do Vale do Paraíba paulista, em suas ligações primordiais com São Paulo e Rio de Janeiro, e a partir de finais do século XIX, no compasso da industrialização e circulação ferroviária e, depois, rodoviária, e na atmosfera dos ideais de progresso e modernização associados ao pós-segunda guerra e ao mundo urbano. Já no decorrer das últimas quatro décadas, a remodelação de processos sócio espaciais locais (municipais), pode ser considerada por rebatimentos particulares de determinações hegemônicas globais, de caráter político-ideológico, ligadas à neoliberalização da economia e da sociedade.

Exemplo disso pode ser extraído do campo de atividades do que se convencionou chamar de planejamento estratégico (SANCHEZ, 1999), associadas ao contexto da guerra fiscal ou guerra dos lugares, vale dizer, da oferta de vantagens para a atração de investimentos urbanos de grandes empresas, notadamente estrangeiras, tal como os incentivos recentes para a instalação de grandes investidores ao redor da rodovia Presidente Dutra, como a indústria chinesa Chery em Jacareí.

Nessa trajetória aos dias de hoje, Jacareí é tanto um elo da formação social do país e da organização regional a leste do estado paulista, como centro organizador de sua realidade sócio espacial interna e suas dinâmicas relacionais. Na condição de território usado e espaço urbano, o município e a cidade, em particular, poderiam ser observados, a partir da história, pelas interfaces entre política territorial e política cultural e, ainda, pelas ações

coletivas e singularidades da população habitante em distintos lugares de vida, sendo esta última abordagem aqui priorizada.

Com o intuito de ensaiar uma discussão sobre a influência da proximidade sócio espacial na construção coletiva do sentido do lugar – dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 2017) e microuniverso da urbanidade contemporânea –, procura-se ressaltar a força de solidariedade e resistência gerada a partir de ações coletivas e dinâmicas culturais observadas na referida cidade: tais os casos do Jardim Pedramar, da arte urbana e de outros coletivos centrados em projetos culturais diversos previamente inventariados e, aqui, brevemente apresentados.

No aporte de uma leitura histórico-crítica, apoiada em observação da dialética sócio espacial que envolve as relações entre o que é global e local e, ainda, as mediações analíticas do cotidiano e do lugar (SANTOS, 2017), as metodologias implicadas na elaboração de conteúdos e informações aqui reportadas são de ordem qualitativa e quantitativa, incluindo inventários e procedimentos netnográficos, pesquisa documental e recursos iconográficos (cartografia e fotografia).

Em recorrência ao escopo assim delineado, o artigo organiza-se em três seções. Na primeira, as relações teóricas entre urbanização e urbanidade serão abordadas e a dimensão simbólica da vida social urbana será enfatizada em relação à instância espacial do lugar. Na segunda seção, uma leitura histórica da organização do território e cidade de Jacareí será alinhada ao processo recente do planejamento territorial urbano, com indicativo de interfaces com as normatizações no campo das políticas culturais, e ao escopo dessas políticas tomadas em sua atualidade. Na terceira seção, um retrato das dinâmicas culturais engendradas por ações coletivas será oferecido para ressaltar a tendência à pluralidade de manifestações e sua centralidade em propósitos comuns.

Com essa perspectiva, discute-se o papel da cultura como instância de expressão libertária, participação e democratização, no contexto de uma esperança projectual de sociedade e desenvolvimento, orientada pela causa da humanização e da realização social, e fortalecida por caminhos de construção coletiva de sentidos e agendas políticas compromissadas com o todo social e sua heterogeneidade.

URBANIZAÇÃO E DIMENSÃO SIMBÓLICA DA URBANIDADE

Há uma correlação entre processo de urbanização e a qualidade do viver urbano associada à condição de vida dos habitantes. Para Levy (2014), a urbanidade traduz o que faz da dinâmica do mundo urbano ser o que é, urbano. Em sua acepção primordial, a cidade sempre foi lugar de civilização e civilidade, segundo a especificidade das condições materiais e imateriais de uma época. Já na perspectiva urbanística de Jacobs (2011), urbanidade denota relações sociais intensas e plurais, sociabilidades e ambiências resultantes da densidade e diversidade de atividades urbanas em certos lugares da cidade. Com essa perspectiva, é frequente igualmente a significação de vivacidade

urbana, ou animação urbana associada à ideia de urbanidade (GOMES e TRIGUEIRO, 2011; MAIA e SANTOS, 2019).

Mas o que dizer da urbanidade contemporânea, relacionada que está aos modelos de organização sócio espacial perversos e críticos, oriundos de processos de urbanização e práticas urbanísticas desiguais e segregacionistas, consolidadas no decurso de sucessivos estágios do sistema capitalista. Para Somekh (2019) a urbanidade contemporânea tem sido roubada dos habitantes urbanos, o que implica formas de apropriação do espaço urbano e modos de convivência dissociados da natureza e condição de bem público, do que é comum a todos, lugar de encontro, memória coletiva e identidade.

As relações entre urbanização e urbanidade, tomada aqui pela dimensão simbólica da vida urbana na atualidade, têm sua raiz interpretativa nos processos de formação histórica ligados diretamente à instância cultural-ideológica da sociedade. Isto é, dizem respeito ao modelo subjacente resultante de tais processos, o que subentende dominação e subjugação rebatidas na organização sócio espacial centro-periferia, em suas múltiplas escalas e dialética local-global, e nesta dialógica, o valor ao mesmo tempo unificador e singular atribuído ao lugar de vida.

Nessa amplitude da organização e transformação do espaço urbano, as redes urbanas tornaram-se arcabouço do dinamismo econômico, político e cultural do país. E na abrangência do lugar onde a vida acontece, tecida pelas relações sociais de proximidade (SANTOS, 2017) e construção coletiva da urbanidade do lugar, as diferentes cidades configuram centros de interdependências funcionais e trocas simbólicas das mais variadas, dentro e fora de suas “fronteiras”. Vale então perguntar: quais seriam os atributos (universais e singulares) da urbanidade contemporânea de diferentes cidades e lugares tomada por sua dinâmica simbólica e cultural?

A relação entre urbanização e dimensão simbólica da urbanidade evidencia-se muitas vezes na esfera pública, lugar onde a fruição e (re) produção social, econômica, política e cultural acontecem a partir de apropriações, processos, relações e disputas protagonizadas por diferentes atores. O termo ‘público’ pela perspectiva da filósofa belga Chantal Mouffe (2013, p. 182) pode ser distinguido com base em três contextos: a) público “como o que é comum, geral, oposto ao privado como o que é particular e individual”; b) público “no sentido de publicidade, como o que é visível e manifesto, oposto ao privado como o que é secreto”; e c) público “como acessível e aberto, oposto ao privado como fechado”. Estes diferentes usos da esfera pública são prejudicados pelo mercado e privatizações que visam converter espaços de uso em espaços de trocas (MOUFFE, 2013; LEFEBVRE, 1968).

Porém, os binarismos ‘valor de uso/valor de troca’ (LEFEBVRE, 1968), ‘público/privado’ nem sempre se colocam em uma relação antagônica. Em esferas públicas “sempre plurais” e com “multiplicidade de superfícies discursivas” (MOUFFE, 2013, p. 188), o agonismo compreende o espaço urbano não como “um objeto científico descartado pela ideologia ou pela política”, mas como “político e estratégico” (LEFEBVRE, 2016, p. 60) e emerge como um modelo democrático que compreende configurações de “relações de

poder em torno das quais uma dada sociedade é estruturada” (MOUFFE, 2013, p. 187):

Enquanto o antagonismo é uma relação ‘nós/eles’ em que os dois lados inimigos não partilham nenhum interesse, o agonismo é uma relação ‘nós/eles’ em que as partes conflitantes, embora saibam que não existe solução racional para seus conflitos, reconhecem a legitimidade de seus oponentes. Eles são adversários, não inimigos. Isso significa que, no conflito, eles se veem pertencendo à mesma associação política, como também partilhando um espaço simbólico, dentro do qual o conflito acontece.

No confronto agonístico, a dimensão simbólica da vida social urbana se organiza e é (re) produzida em relação à instância espacial do lugar à medida que articulações conflituais e/ou consensuais entre sociedade civil, Estado e mercado ocorrem por meio de conselhos municipais, audiências, orçamentos participativos, congressos, editais, políticas públicas e parcerias público-privadas, por exemplo.

Na utopia da cidade democrática, “os cidadãos não são vistos nem como espectadores das realizações de um prefeito iluminado, nem como simples consumidores da mercadoria urbana”, mas sim pelo viés de “cidadãos em construção, que, ao se construírem, constroem também a cidade” (VAINER, 2003, p. 30).

A discussão proposta a partir do caso de uma cidade, como a de Jacareí, conflui a essa perspectiva dos cidadãos em construção e de utopias coletivas que buscam se tornar experiências sociais, a partir das relações sociais estreitas entre indivíduos integrantes de uma comunidade ou de coletivos e seu lugar, intermediadas por dinâmicas culturais e conteúdos simbólicos que se mostram como possibilidades para a produção de consciência política e social e inspiração para as ações.

Na seção a seguir, a urbanização e organização sócio espacial de Jacareí serão reconstituídas, para daí retratar instantes da urbanidade de diferentes localidades urbanas e, adicionalmente, ressaltar a dimensão simbólica da urbanidade associada a dinâmicas socioculturais vivas de que se tem conhecimento em Jacareí.

ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E A CIDADE DE JACAREÍ, SP

No processo histórico de interação dos homens com os objetos geográficos naturais e criados (artificiais) que, no caso, compõem o território do município de Jacareí, definiram-se as formas de apropriação do ambiente para determinados usos e fins. Em Gomes e Oliveira (2013), compreende-se a influência do Rio Paraíba do Sul (e de suas várzeas) e dos caminhos terrestres nos processos de povoamento e ocupação da região do Vale do Paraíba em geral e do município de Jacareí igualmente, que não escapa à regra.

Assentando-se em um sítio adjacente ao rio navegável, que corta na vertical o território municipal, suas primeiras configurações de aldeia e vila revelaram, muito provavelmente, o saber e o domínio indígena sobre a ecologia local e, por certo, as apropriações consecutivas de colonizadores portugueses

e bandeirantes, em seus propósitos e expedições de domínio e exploração econômica.

Localizada nas imediações da antiga estrada velha que de São Paulo levava ao Rio de Janeiro, a vila também se torna ponto natural de passagem para a região mineradora e, já em razão da riqueza obtida com a economia do café, ascende à categoria de cidade em 1849, tornando-se um dos centros de destaque regional junto a Taubaté e Guaratinguetá.

Com a vida social agora re-estratificada com a vinda de mineiros e escravizados africanos e cadenciada pelos novos ritmos da estrada de ferro, das primeiras indústrias e de remodelações do espaço urbano, a cidade tornou-se, aos poucos, redimensionada e equipada para o seu futuro desenvolvimento industrial a partir dos anos 50 do século XX, dado, igualmente, e em boa medida, em razão de sua localização estratégica, agora na franja da Grande São Paulo e na proximidade de entroncamentos de importantes eixos rodoviários a leste do estado paulista.

Tal condição favoreceu sua dinamização demográfica e socioeconômica, de modo a torná-la, em 1960, uma das sete cidades mais importantes do Vale do Paraíba, com função específica no setor industrial, sendo, todavia, como retrata Muller (1969), um centro secundário de porte médio situado na área de influência de São José dos Campos, que então já se destacava como um dos principais centros polarizadores da região, junto a Taubaté e Guaratinguetá.

Nos decênios de 50 e 60, o crescimento demográfico e a intensificação dos movimentos migratórios inter-regionais, predominantemente do campo para as cidades, foram bastante significativos na região do Vale e em Jacareí. Já a partir dos anos 70, as dinâmicas populacionais de crescimento e migração tendem a se atenuar, sob o ponto de vista quantitativo, mas passam a assumir nova significação em função de diferentes processos globais de reestruturação (tecnológica e produtiva), amparados, no país, por políticas, planos e programas de desenvolvimento nacional, regional e urbano.

Desde então, torna-se notável a generalização e intensificação do processo de urbanização em todo país, devido ao ritmo do crescimento natural da população, mas também, com o peso das migrações com origem e destino em meio urbano que, no geral, tornaram-se bem mais importantes do que os movimentos rurais-urbanos característicos dos decênios anteriores a 1980. Mais uma vez, como se vê em Gomes e Oliveira (2013), os dados estatísticos revelam em âmbito local o que se dava em escala nacional.

Nesse contexto, os deslocamentos de setores das classes médias para o interior do estado (SANTOS, 1993), a partir dos eixos de integração técnico-econômica (SILVA NETO, 2002) da região metropolitana, são uma espécie de movimentos expressivos de tendências desconcentradoras. A indústria se descentraliza, o consumo se difunde (geográfica e socialmente) e novas condições de polarização e crescimento urbanos se estabelecem, com a expansão dos serviços e de novas formas de trabalho qualificado (SANTOS, 1993).

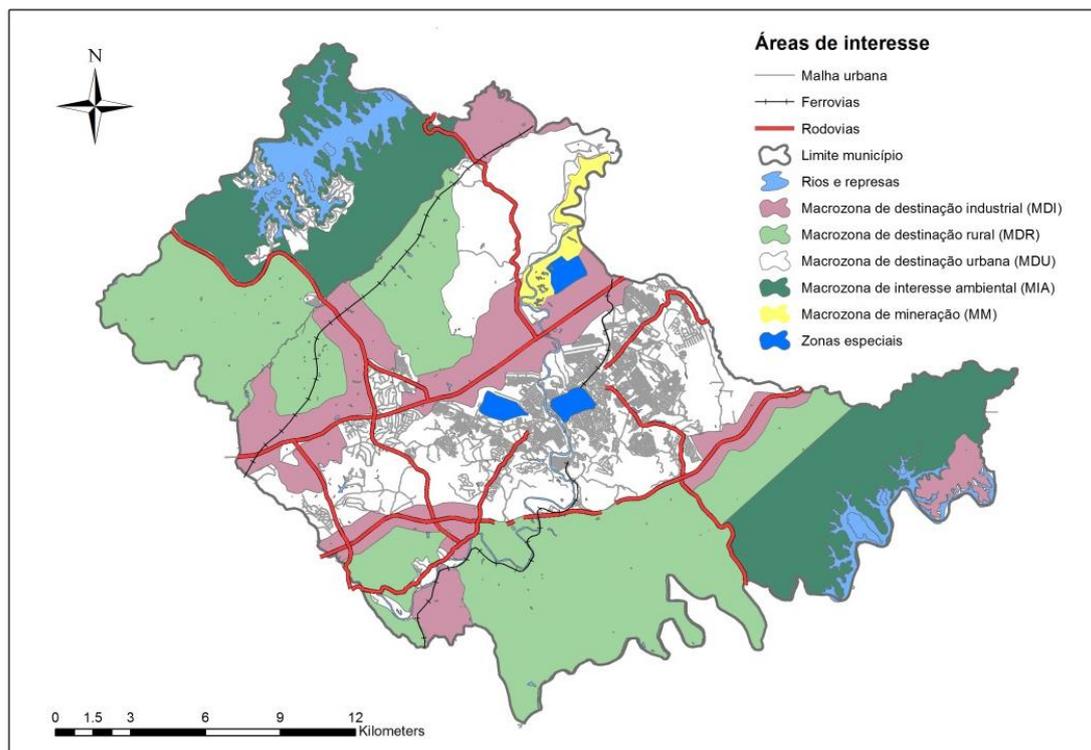
Inserido nesse movimento, e dentre outros municípios do Vale, Jacareí assume sua posição de novo *locus* dos processos de modernização produtiva e urbanização capitalista. Recebe migrantes paulistas e mineiros

(principalmente), mas também, paranaenses e nordestinos; revela o peso maior de segmentos sociais de renda média, com boa condição relativa ao consumo domiciliar de serviços e bens duráveis.

Tendo em mente tais processos determinantes de ordem global e as novas condições de mobilidade e reorganização social e geográfica de agentes sociais e produtivos, também observáveis estatisticamente com os dados sobre movimentos pendulares por razão de trabalho e estudo (MACIEL; GOMES; BECCENERI, 2020), pode-se entrever, ainda que superficialmente, as transformações do território municipal e do espaço urbano de Jacareí nos últimos decênios, no sentido de acentuado favorecimento político e ideológico à incidência de novas forças da globalização em curso, com suas ordens e modelos, e por detrás, toda sua racionalidade e psicoesfera (SANTOS, 2017), com rebatimentos locais nos modos de vida e dinâmicas culturais ainda pouco evidenciados.

Adentrando um pouco mais ao território do município, a Figura 1 ajuda a visualizar a atual disposição fragmentada do meio urbano, junto à infraestrutura viária e as grandes áreas de interesse definidas no Plano Diretor (2003) pelo macrozoneamento do território (a partir mesmo dos usos sociais aí já praticados).

Figura 1 – Áreas de Interesse do município de Jacareí



Fonte: Prefeitura Municipal de Jacareí, 2003.

Neste retrato cartográfico pode-se observar a demarcação da área urbanizada mais consolidada entre duas das principais rodovias que cortam transversalmente (de oeste a leste) o território de Jacareí – a rodovia

Presidente Dutra (BR 116) e a Carvalho Pinto (SP 070). A partir daí, vemos as demais áreas urbanas mais ou menos dissociadas do tecido urbano consolidado, as áreas de interesse industrial (ao longo das rodovias), as áreas consideradas rurais estendendo-se a noroeste e sul do município, as áreas de interesse ambiental (ao redor das represas) e, ainda, nas vizinhanças do Rio Paraíba, a nordeste do território municipal, a área onde se pratica a mineração (extração de areia). Podemos distinguir também três delimitações de áreas especiais, a saber, o assentamento Lagoa Azul na contiguidade do Parque Meia Lua, a zona especial central e a zona especial de várzea.

Adicionalmente, na extensão de todo o território, temos áreas de campos e pastagens, entremeadas por diversos fragmentos de remanescentes florestais (nas áreas de morros e colinas próximas ao Rio Parateí e Represa de Jaguarí e nas porções sul do território, a leste e oeste do Rio do Paraíba). Na porção sul do território, mas, sobretudo, a sudoeste, e em áreas de fronteira com o município de Guararema, temos grandes áreas destinadas ao reflorestamento do eucalipto, que servem à indústria de celulose Fibria, localizada no Distrito de São Silvestre. Além disso, na proximidade dos dois rios principais, na porção centro-norte do município (e da Via Dutra), temos frações territoriais destinadas à agricultura e a outros usos, tais como cerâmica e condomínio de chácaras.

Em síntese, e genericamente, podemos ressaltar, também a partir de documentos oficiais, o elevado grau de urbanização do município, o que subentende, em correlato, a falta ou debilidade de políticas de desenvolvimento rural, impactos ambientais ligados à ocupação industrial e atividade mineraria e, sobretudo, os problemas do crescimento disperso e fragmentado da estrutura urbana, ocasionando desintegração física e social, especulação imobiliária e danos ambientais, carência de infraestruturas e equipamentos sociais em áreas afastadas do núcleo central, áreas de interesse social e clandestinas.

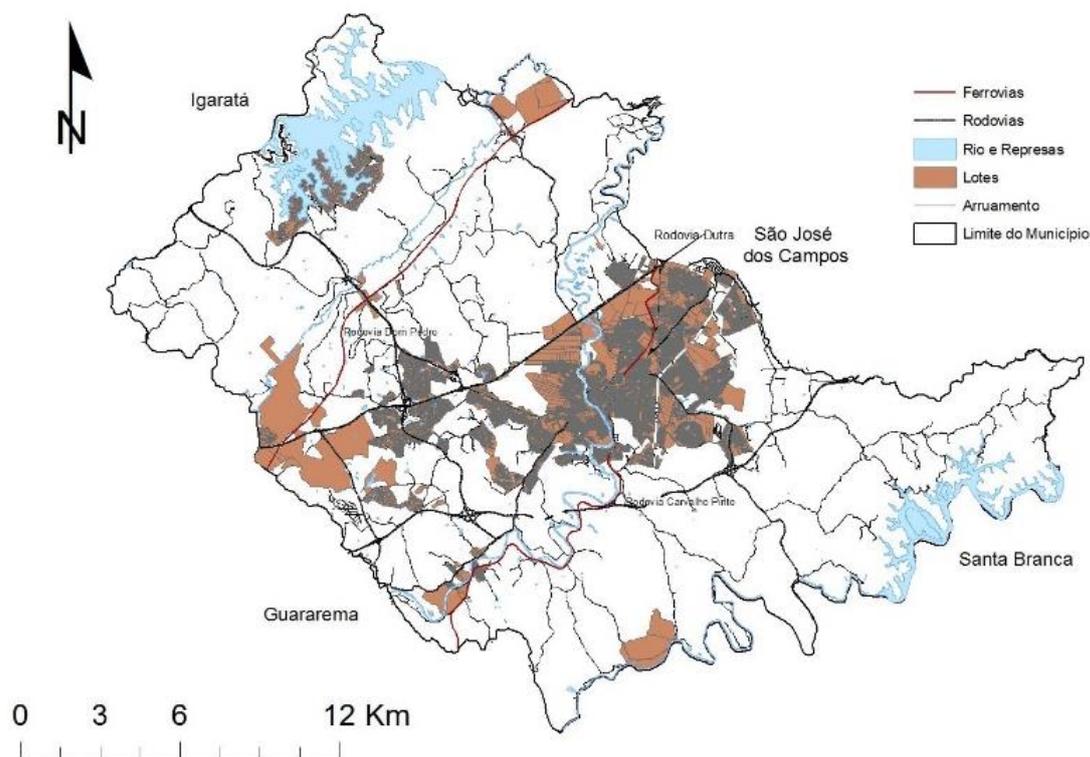
Além disso, destaca-se a interdependência funcional junto a São José dos Campos, considerando o grande movimento pendular, por razão de trabalho e estudo, com origem em Jacareí e destino em São José dos Campos, município conurbado a Jacareí e de fácil acesso, inclusive por via intraurbana (MACIEL, GOMES, BECCENERI, 2020).

Como visto na Figura 1, o espaço urbano de Jacareí constitui a porção central da organização territorial do município e, talvez, pelas dinâmicas demográficas, socioeconômicas e espaciais que o animam, a de peso mais significativo em seu desenvolvimento.

Em nossos dias, a expansão dessa estrutura urbana consolida sua especial situação geográfica no território intermediário aos dois eixos rodoviários mais importantes que interligam a Região Metropolitana de São Paulo ao Vale do Paraíba, revelando, além disso, algumas principais induções do crescimento urbano, em direção a São José dos Campos e a Santa Branca, de um lado, e nas imediações do entroncamento entre as rodovias Dutra e Dom Pedro I, de outro lado. Nas proximidades desse último eixo indutor que dá acesso à região de Campinas, vale ressaltar a tendência à implantação de chácaras de recreio de alto padrão nas imediações da Represa do Rio Jaguarí, a noroeste do território municipal.

Em seu conjunto, constata-se um crescimento da estrutura urbana que chega à sua atual configuração (Figura 2), por ocupação e relativo adensamento das áreas vazias que separavam tais nucleações fragmentárias, sempre ao longo das principais vias pré-existentes. A mesma figura nos dá uma ideia também das áreas de provável expansão da cidade pelos loteamentos já demarcados, revelando, de um lado, o possível adensamento e alargamento do núcleo urbano mais consolidado (abrangendo aqui as porções leste e oeste do Rio) e, de outro, as novas frentes de expansão nas fronteiras de Guararema e em outras localizações dispersas.

Figura 2 - Mancha urbana atual da cidade de Jacareí.

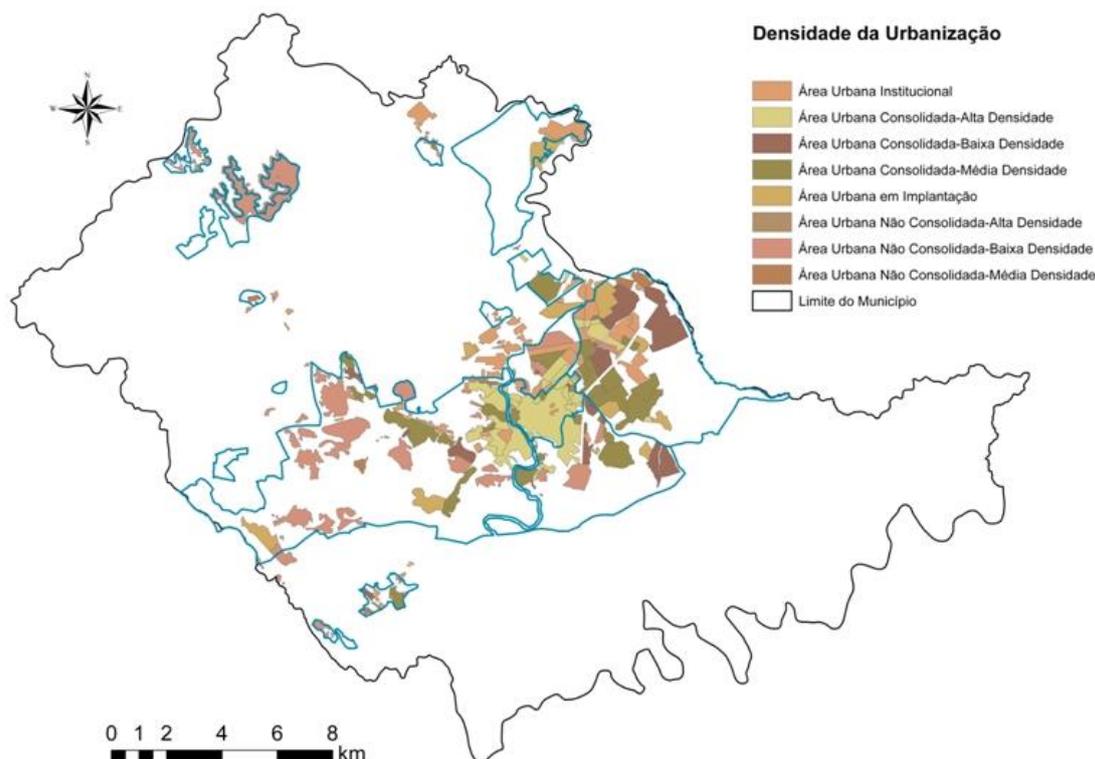


Fonte: Prefeitura Municipal de Jacareí, 2003.

Elaborado por Cilene Gomes e Daniel José de Andrade.

A região leste da cidade é a mais heterogênea sob o ponto de vista da densidade de sua urbanização (Figura 3), reunindo porções do tecido urbano consolidado de alta, média e baixa densidade construtiva, além de áreas utilizadas para fins institucionais (incluindo indústrias), algumas áreas em implantação e áreas urbanas não consolidadas igualmente.

Figura 3 – Densidade de urbanização, Jacareí, 2009



Fonte: PMJ. Elaborado por Daniel José de Andrade e Márcia Sotto-Bayer.

Olhando para a extensa região oeste da cidade, temos aí basicamente o prolongamento da estrutura urbana central consolidada e de mais alta densidade (do outro lado do rio e em sua vizinhança); porções de tecido urbano consolidado de média e baixa densidade construtiva nas imediações da via que encontra a rodovia Dutra e da estrada velha na direção de São Silvestre e, ainda, grosso modo, muitos fragmentos não consolidados e de baixa densidade e outros em implantação, menos integrados ao tecido urbano consolidado.

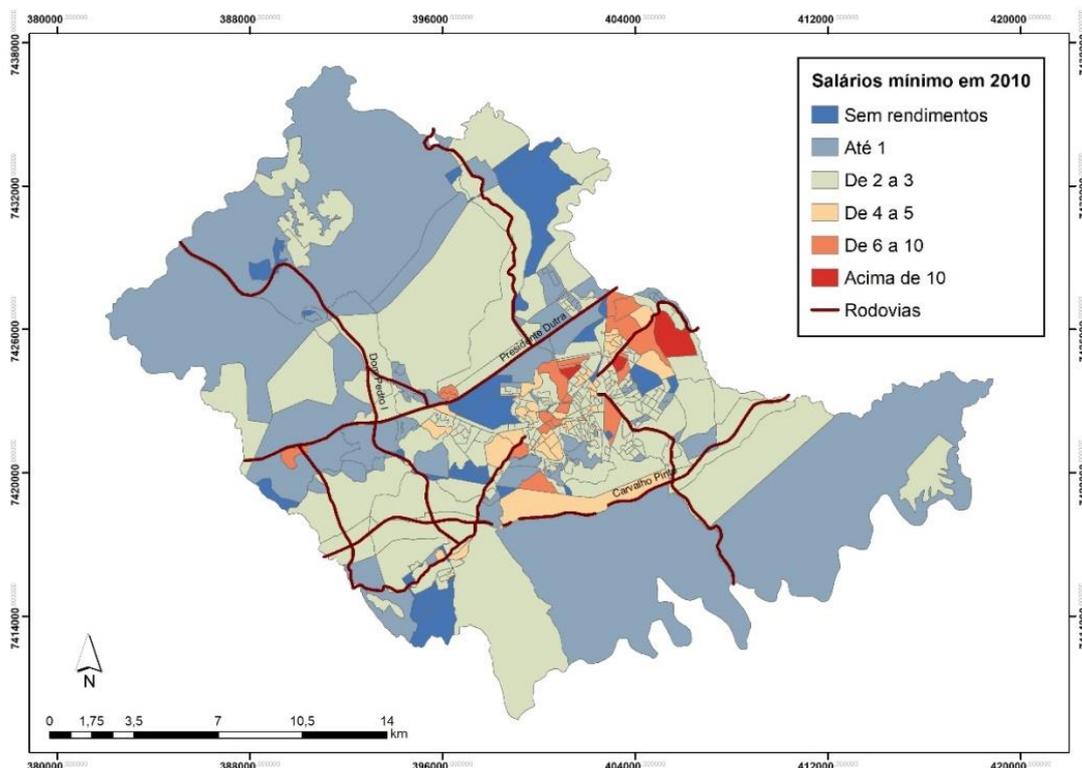
Além disso, observa-se no restante da estrutura urbanizada, o núcleo de São Silvestre, uma área consolidada de média densidade; as áreas de baixa densidade nas margens da represa na divisa de Igaratá; e as porções nas imediações ou proximidades da rodovia Dutra indicando áreas industriais, áreas urbanas não consolidadas e em implantação, mas também, porções do tecido urbano consolidado de média e alta densidade que prolongam a estrutura urbana central.

Já do outro lado da Dutra, temos o Parque Meia Lua, uma área urbana consolidada de média densidade, e na porção nordeste do território, áreas institucionais (indústria e parte do Campus Urbanova, da Universidade do Vale do Paraíba) e o núcleo urbano Pagador de Andrade, outro pequeno fragmento do tecido urbanizado a nordeste do território de Jacareí.

Assim visualizada a morfologia resultante dos processos específicos de ocupação, adensamento e expansão da estrutura urbana de Jacareí, uma imagem do espaço da cidade pode ser apresentada para dar uma ideia

condição social de seus habitantes a partir do rendimento nominal médio mensal dos responsáveis pelos domicílios (Figura 4)¹.

Figura 4 – Distribuição do rendimento dos responsáveis pelos domicílios segundo classes de renda (salários mínimos), Jacareí, 2010

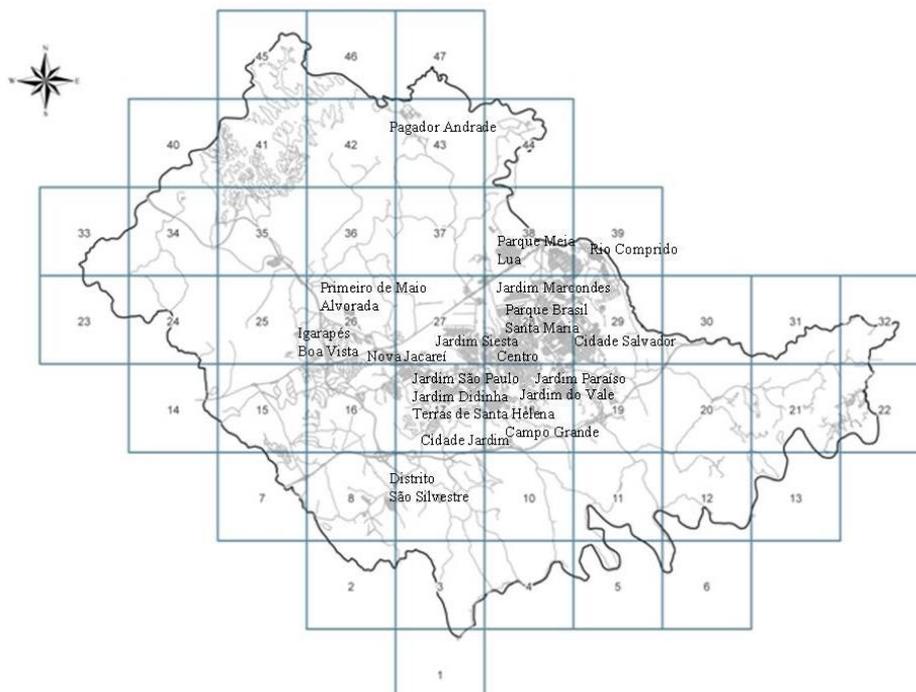


Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Uma pesquisa de campo foi realizada em diversos bairros de Jacareí (Figura 5) para reflexão sobre modelos de urbanização e urbanidade. As conversas com os sujeitos guiaram-se por questões basicamente ligadas à história de vida dos mesmos; às suas relações com o bairro onde mora e com a cidade no seu todo; às formas de agregação dos sujeitos ou de participação social; à situação geral de manifestações da população em todo o país (em 2013); aos “desejos” dos sujeitos para si mesmos e para a cidade etc. Além disso, é importante mencionar a orientação geral para o procedimento predominante de escuta do sujeito sem indução do pesquisador às respostas.

¹ O valor do salário mínimo era de R\$510,00 em 2010.

Figura 5 - Grid para controle das entrevistas realizadas, em diferentes bairros



Fonte: IBGE. Elaborado por Daniel José de Andrade.

A propósito, então, do material obtido em campo (gravações e anotações escritas), assim pode ser sintetizado.

A situação da peri-urbanidade foi bastante evidenciada nas interlocuções realizadas. Aqui inclui-se tanto a vida isolada de certos núcleos urbanizados ou localizados dentro do perímetro urbano, mas nas fronteiras com o meio rural, como também as referências de centros não necessariamente coincidentes com o centro histórico da cidade de Jacareí, mas a certos bairros próximos. Por exemplo: o Parque Meia Lua como referência de centro para o bairro Pagador Andrade; o Igarapés para os bairros de Primeiro de Maio e Alvorada; o bairro Cidade Salvador para o Parque dos Príncipes e Jardim Paraíso. Os atributos de centralidade destacados pelos sujeitos da pesquisa são, na maioria dos casos, ligados à existência ou não de equipamentos, comércios e serviços urbanos mais diversificados ou especializados. Para além das relações entre os bairros da cidade, em alguns casos, a referência a São José dos Campos ou mesmo São Paulo foi bastante frequente, sobretudo no que importa aos equipamentos de lazer ou cultura e aos comércios mais especializados.

No que importa à origem dos entrevistados ou de seus antecessores e à manutenção de inter-relações familiares, a menção a diferentes estados ou cidades reafirmou o que já havíamos constatado mediante análise de dados estatísticos: os não nascidos na cidade eram provenientes sobretudo dos estados de São Paulo e Minas Gerais, mas também de estados nordestinos e do Paraná.

Um aspecto interessante a ser destacado é o que contrapõe a questão do conhecimento que o habitante tem sobre o lugar onde mora e o conhecimento da cidade. No geral, as pessoas revelaram um conhecimento

mais circunscrito ao bairro onde moram e a bairros adjacentes, sobretudo quando se impõe a dificuldade de mobilidade pela baixa condição de acesso. Poucos demonstraram conhecimento mais ampliado da cidade no seu todo. Dentre estes, destacaram-se alguns moradores mais idosos que já moraram em diferentes bairros ou então moradores cuja atividade profissional possibilita a vivência mais ampla da cidade. Tende a prevalecer a noção de que a cidade se confunde com o centro histórico da cidade, já que as saídas dos bairros onde moram se justificam em função da necessidade de resolução de problemas ou de compras que só o centro possibilita.

Os problemas apontados pelos entrevistados ligam-se a necessidades relativas às atividades pessoais, à família e a mudanças pela melhoria das condições do lugar de vida. Os problemas da violência e da juventude (falta de perspectivas, drogas, desrespeito ao espaço público), da saúde pública, da educação fundamental e média, da clandestinidade de alguns bairros, da falta de infra-estruturas básicas foram de longe os mais apontados.

Quanto às formas de associação ou organização social, ou ainda, de participação, verifica-se que, se as populações de diferentes bairros não estão tão alheias aos problemas reais do lugar onde moram e, em alguns casos, da cidade em seu todo, as formas de coletivização detectadas não atestam a participação política dos cidadãos em assuntos ligados ao lugar ou à cidade onde moram; revelam apenas lutas anteriormente mais fortes e agora esquecidas ou abandonadas, lutas esporádicas ou muito intermitentes, sem força de significação e aglutinação, sem compromisso e consequências, enfim.

As formas de resistência e identidade em cada lugar do espaço urbano parecem se impor pela consciência da escassez e das necessidades de sobrevivência. Em alguns casos, as localidades visitadas se mostram a modo de comunidades hipercentradas nelas mesmas e no lugar onde vivem, sem deixar de revelar, em muitos aspectos, a dependência do centro da cidade e outros centros (outras cidades ou bairros adjacentes), bem como os sentidos de uma urbanidade de vizinhança, mas, todavia, imiscuída aos atuais valores e racionalidades hegemônicas do mundo globalizado.

Os projetos pessoais e a “cidade mental” de cada um, tal como verbalizados pelos sujeitos, não revelam muito mais do que um estado geral de desencantamento do país e do mundo onde se vive, e ainda assim, a ação voluntária e da esperança em dias melhores, sobretudo ligada ao desejo de melhor estruturação básica dos bairros, emergem em um ou outro discurso como os únicos sinais da força de resistência do lugar.

As imagens (Figuras 6, Figuras 7, Figuras 8, Figuras 9, Figuras 10 e Figuras 11) podem dar uma ideia das paisagens e sinais diretos ou indiretos da espécie de vida urbana que anima essas paisagens. Nos instantes retratados, movimentos e simbolismos podem ser apreendidos, assim como podem ser observadas as faces e interfaces da urbanização precária e sua urbanidade informal e clandestina.

Elemento da identidade social e urbana também estão aí representados por objetos, cores e lugares que remetem ao consumo. Embora mostrado apenas em seu pequeno porte e produto comum oferecido, o comércio tem aí sua própria expressão, assim como os padrões da moradia, os lazeres e os espaços públicos se revelam de algum modo singular.

Imagens da história, do trabalho e do dia a dia incomum no lugar aprazível, da livre apropriação da via pública e do imprevisto conjugam-se àquelas outras imagens da face dura da cidade industrial, da morada-fortaleza condominial, do dogma religioso pulverizado em todo canto de todos os bairros.

As Figuras 6 (a) e (b) demonstram cenas do cotidiano e urbanidade de Jacareí em regiões centrais marcadas pela presença de edificações históricas. Na Figura 6 (a) está a imagem da lateral do Museu de Antropologia do Vale do Paraíba – MAV, situado na Rua Quinze de Novembro, e a Figura 6 (b) mostra a Estação Ferroviária de Jacareí, situada na Praça Raul Chaves.

Figuras 6 (a) e (b) – Cotidiano e urbanidade em Jacareí nas centralidades



Fonte: a autora (2021)

Nas ‘quebradas’, termo “usado para denominar os bairros pobres” das periferias das cidades, o autor Alexandre Barbosa Pereira (2010, p. 156) sinaliza que este termo evoca também “uma identificação com o espaço da periferia” que remete ao “risco, à violência e à carência, mas também ao sentimento de pertencimento e às relações de solidariedade e companheirismo”. As Figuras 7 desvelam cenas do cotidiano nas quebradas de Jacareí em relação à moradia (Figuras 7 (a), (b), (c) e (d)) e ao espaço das ruas (Figuras 7 (e) e (f)) nos bairros Rio Comprido, Parque Meia Lua e Primeiro de Maio.

Figuras 7 (a), (b), (c), (d), (e) e (f) – Cotidiano e urbanidade em Jacareí nas periferias



Fonte: a autora (2021)

Pelo viés dos usos capitalistas do espaço, uma das dimensões que constituem o tecido urbano do município de Jacareí são as indústrias, com a presença de plantas industriais de empresas multinacionais e nacionais marcantes na paisagem da cidade, Figuras 8 (a) e (b). O vai e vem dos trabalhadores entre um turno e outro, bem como as atividades atreladas às indústrias impõem ritmos ao cotidiano dos lugares.

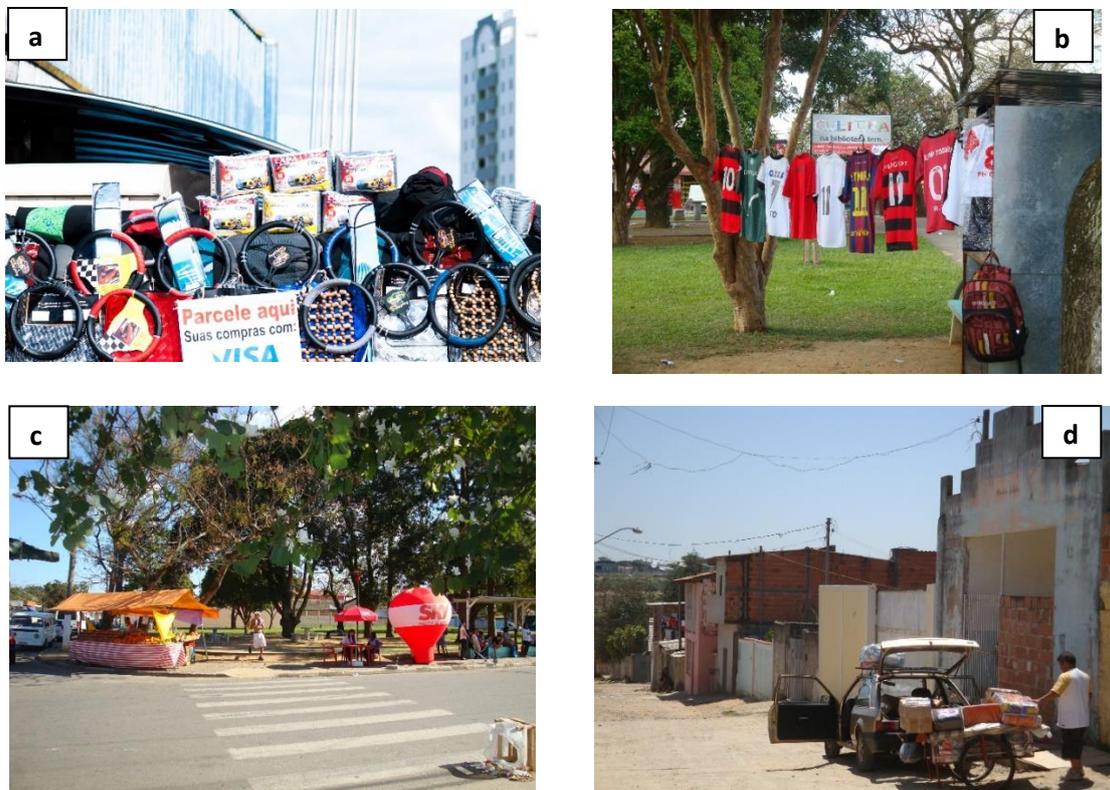
Figuras 8 (a) e (b) – Cotidiano e urbanidade industrial em Jacareí



Fonte: a autora (2021)

O comércio formal e informal também constitui o tecido urbano de Jacareí no viés da produção do espaço capitalista. As Figuras 9 (a), (b), (c) e (d) elucidam a apropriação da esfera pública como espaços de trocas e trabalho por meio de feiras livres e do comércio informal nas ruas e praças da cidade (MOUFFE, 2013; LEFEBVRE, 1968).

Figuras 9 (a), (b), (c) e (d) – Cotidiano e urbanidade comercial informal e em feiras de Jacareí



Fonte: a autora (2021)

Os espaços de uso da esfera pública são retratados nas Figuras 10 (a) e (b) por meio de cenas que mostram dinâmicas culturais urbanas engendradas pela apropriação lúdica da cidade pelos cidadãos visando o lazer, o esporte, a cultura e atividades que não envolvem a troca de mercadorias como a finalidade principal das ações (MOUFFE, 2013; LEFEBVRE, 1968), mas, simplesmente, o encontro. A Figura 10 (a) mostra um jogo de cartas ocorrendo em uma praça beira-rio e a Figura 10 (b) mostra os diferentes usos em uma pista de *skate*.

Figuras 10 (a) e (b) – Cotidiano e urbanidade lúdica de Jacareí



Fonte: a autora (2021)

A paisagem urbana jacareense é fortemente marcada pela presença do Rio Paraíba do Sul, que corta a cidade em diferentes pontos, Figuras 11 (a) e (b). Destaca-se que este rio atravessa os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais ao longo de seus 1.137 km e oferece fonte de renda aos cidadãos por meio da pesca e navegação em pontos específicos do rio.

Figuras 11 (a) e (b) – Rio Paraíba do Sul e a urbanidade em Jacareí



Fonte: a autora (2021)

DINÂMICAS CULTURAIS E AÇÕES COLETIVAS: O PLURAL E O COMUM

Se a urbanidade dos diferentes lugares pôde ser apreendida pela compreensão da organização do território e espaço urbano em seu conjunto, bem como pelas imagens e relatos referidos, as relações entre dinâmicas urbanas e dinâmicas culturais podem ser melhor observadas a partir de alguns novos elementos obtidos em incursões recentes da investigação.

Inicialmente, vale chamar atenção ao fato de que há interface entre política territorial e diretrizes gerais para a cultura, como demonstra o Art. 127 do Plano de Ordenamento Territorial de Jacareí de 2003 (em processo de revisão atualmente):

Art. 127. A prestação dos serviços relativos à cultura observará os seguintes princípios:

- I - fortalecimento, valorização e resgate das culturas populares do Município e região;
- II - fomento, circulação e preservação da cultura;
- III - desenvolvimento da pesquisa antropológica, arqueológica, histórica, arquitetônica e documental relacionadas ao Município;
- IV - garantia da participação da comunidade no acesso à cultura;
- V - otimização do uso dos equipamentos existentes para a promoção da cultura.

Uma das pesquisas mencionadas foi um mapeamento de ações coletivas voltadas à atividade cultural na região do Vale do Paraíba, considerando aqui o lugar de destaque de Jacareí nesse inventário de experiências. A outra reporta-se a uma pesquisa e ação coletiva que resultou em tese de doutorado (JORGE, 2018) sobre o bairro Jardim Pedramar e o coletivo Cultura no Morro, nascido neste mesmo bairro e, hoje, também reconhecido como ator social engajado nas discussões sobre a cidade e seu Plano Diretor. Além dessas imersões aproximativas da dinâmica cultural da cidade e seus lugares, a arte urbana confere nova ambiência para depreender o valor das relações de proximidade social em torno de projetos comuns, das forças de resistência e de posicionamentos ligados à construção simbólica de sentidos do lugar.

Em busca exploratória por atores ou agentes ligados à produção de cultura que tivessem o caráter de interesse público, foram acessados os sites das prefeituras de todos os municípios do Vale do Paraíba e Litoral Norte de São Paulo em busca de secretarias, pastas, departamentos e outras iniciativas estatais que fossem voltadas a cultura. A seguir, esforços foram feitos na busca por agentes da sociedade civil voltados para a produção ou preservação da cultura. A principal fonte utilizada foi o portal governamental Mapa das Organizações da Sociedade Civil – Portal OSC's (<https://mapaosc.ipea.gov.br/index.html>), que reúne alguns dados acerca de organizações da sociedade civil (neste portal cadastradas) que possuem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Também foram utilizadas as redes sociais, tais como Facebook e Instagram, para identificar estes agentes. Primeiramente, utilizando o mecanismo de busca com palavras-chave como

“coletivo”, “fundação” e “associação”, e em seguida, utilizando-se da própria rede formada nos aplicativos para identificação de mais agentes.

Com os dados obtidos foram elaboradas tabelas para sintetizar o inventário realizado, contendo: nome, cidade, área de atuação, principais ações promovidas, link de acesso para redes sociais (quando havia), link de acesso para site ou blog (quando havia) e data do primeiro acesso.

Os critérios “áreas de atuação” e “principais ações promovidas” foram elencados com base nas informações obtidas nas redes sociais, sites e blogs. As áreas de atuação foram definidas partindo do propósito ou da maior incidência de atividades apresentada pelo agente, tais como, artesanato, música, dança, museu, fundação etc. Contudo, fica posto que a classificação é apenas para fins organizacionais e de análise, pois, muitas vezes, os agentes encontrados atuam em mais de um segmento cultural.

A partir da análise dos dados obtidos foram elencados três balizadores para classificar a natureza das organizações encontradas, a saber: 1. Atores e ações coletivas que promovem circulação de informação, conhecimentos e saberes; 2. Atores e ações coletivas que têm a manifestação cultural como expressão de resistência/posicionamento político; 3. Atores e ações coletivas que são redes de solidariedade por alguma causa ligada à sobrevivência econômica de atores sociais ligados à cultura ou outros.

A partir destes critérios foram selecionados alguns agentes e atores segundo as categorias de tradicionais e contemporâneos, para maior aprofundamento, o que levou a reflexões sobre a relevância das dinâmicas culturais híbridas como expressão de resistência e/ou posicionamento político diante de lógicas exclusivamente mercadológicas engendrando processos desiguais de desenvolvimento urbano e regional (DOMINGOS, GOMES e NOGUEIRA, 2021).

Por meio dos dados obtidos através da pesquisa netnográfica fora possível encontrar, até o término da pesquisa, 51 agentes públicos de cultura em 34 diferentes municípios e 50 agentes da sociedade civil em 18 diferentes municípios.

Assim, pôde-se inferir que o número total de iniciativas culturais que partiram do Estado e da Sociedade é semelhante, mas, quando se trata de iniciativas ligadas à sociedade civil elas apresentam-se mais concentradas espacialmente.

Dentre os municípios estudados, destacou-se o de Jacareí, com duas iniciativas públicas localizadas, a Fundação Cultural de Jacarehy e o Museu de Antropologia do Vale do Paraíba (MAV), ambos presentes em pelo menos uma rede social e com sites próprios. E cinco iniciativas vindas da sociedade civil: o Coletivo de Mulheres Nandi, o Coletivo Lacuna (fotografia), a Academia Jacarehyense de Letras, o centro cultural Cultura no Morro e o Coletivo Palmares Resiste, dos quais dois apresentam sites e todos estão presentes nas redes sociais.

A Fundação Cultural de Jacarehy apresenta-se como o principal órgão público do município voltado à cultura. Ele contém o Conselho Municipal de Políticas Culturais de Jacareí e é responsável pela administração do MAV e do patrimônio cultural da cidade (FUNDAÇÃO CULTURAL DE JACAREHY, 2021).

Dentre as atividades desenvolvidas estão: a organização e realização da agenda cultural mensal com palestras, shows, workshops, aulas, encontros, oficinas e outros, além da promoção de editais para eventos e apoio financeiro a atores de ações coletivas de cultura. A instituição é ativa nas redes sociais.

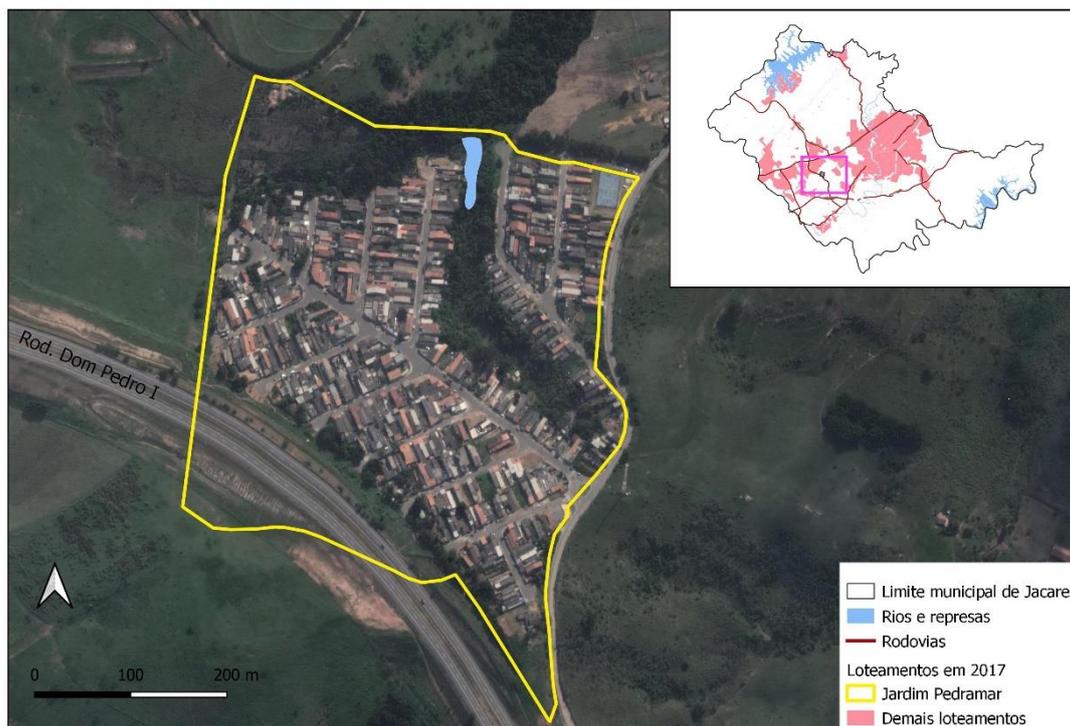
Em relatório produzido pela Caravana da Gestão Cultural da Incubadora de Projetos e Iniciativas Culturais (IPIC) no ano de 2014, contatou-se em Jacareí a existência de um Conselho de Cultura (Processo no 119 - Projeto de Lei no 22/2012) e a existência de Lei de incentivo à cultura municipal (LIC - Lei no 3648/1995 e Decreto no 552/2003) (OLIVEIRA, 2014).

Em 2018, com a realização da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) pelo IBGE, entre outras informações, contatou-se que a cidade possuía Plano Municipal de Cultura, legislação de proteção ao patrimônio municipal e fundo municipal de cultura (IBGE, 2019).

As atividades desenvolvidas pelas associações da sociedade civil tangenciam os interesses e as necessidades dos que a promovem. Dentro disso, foram encontradas iniciativas como a “1° Feira de Empreendedorismo Preto de 2019”, realizada pelo Coletivo Palmares Resiste e o “Aglomerarte”, festival de arte realizado por e para artistas e moradores da comunidade do Jardim Pedramar de Jacareí, do qual falaremos um pouco mais a seguir.

O Jardim Pedramar (Figura 12) é um bairro periurbano de Jacareí, nascido no início dos anos de 1990, a partir da criação de Associação dos Moradores do Tanquinho e a compra de uma gleba para construção de loteamento que abrigaria cerca de 600 famílias de baixa renda (JORGE, 2018). Igual aos bairros periféricos de nosso modelo de organização socioespacial centro-periferia, a precariedade do Pedramar impera quanto ao acesso deficitário à regularização jurídica e urbanística, a serviços e equipamentos essenciais e a infraestruturas básicas (energia elétrica e saneamento). Cenas indesejáveis da violência estrutural e simbólica de nossa formação social também aí se apresentam, junto a conflitos de uso do solo já há muito conhecidos.

Figura 12 – Localização e configuração do bairro Jardim Pedramar



Fonte: Prefeitura Municipal de Jacareí 2011/2017; Google Earth, 2021.
Elaborado por Daniel José de Andrade.

Todavia, baseando-se na etnografia sensorial realizada por Jorge (2018), é nítida a existência de “uma sociedade ativa na produção da política” (SILVA NETO, 2021), de outra política (SANTOS, 2000) que não a do Estado: uma política comunitária exercitada pelas relações cotidianas e organização coletiva, mas que em determinados momentos, também estabelece comunicação com o Estado, para reivindicar atenção às suas demandas ou buscar apoio para suas atividades culturais, participando de editais lançados pela Fundação Cultural de Jacareí (JORGE, 2018).

O coletivo Cultura do Morro é uma evidência desse fenômeno de imbricação de dinâmicas urbanas e culturais produzindo outra política, a política de proximidade de que fala Ana Fernandes (2020), e também, constituindo outra urbanidade, mais alimentada pela alma do lugar (JORGE, 2018), pela força de coesão que nasce e se fortalece, em meio a poucos recursos materiais, a partir da inteligência, potencialidades e saberes dos habitantes em torno de objetivos comuns. Nascido de uma iniciativa de lideranças jovens do bairro Jardim Pedramar, o Cultura do Morro tornou-se espaço cultural e centro organizador de atividades culturais e comunitárias, bem como lugar-abrigo para a experiência democrática, de uma democracia entendida e praticada como modo de vida (POGREBINSCHI, 2004), para reuniões e assembleias com pautas de interesse comum ligadas à gestão coletiva da vida social no bairro e às ações deliberadas para resolução de problemas.

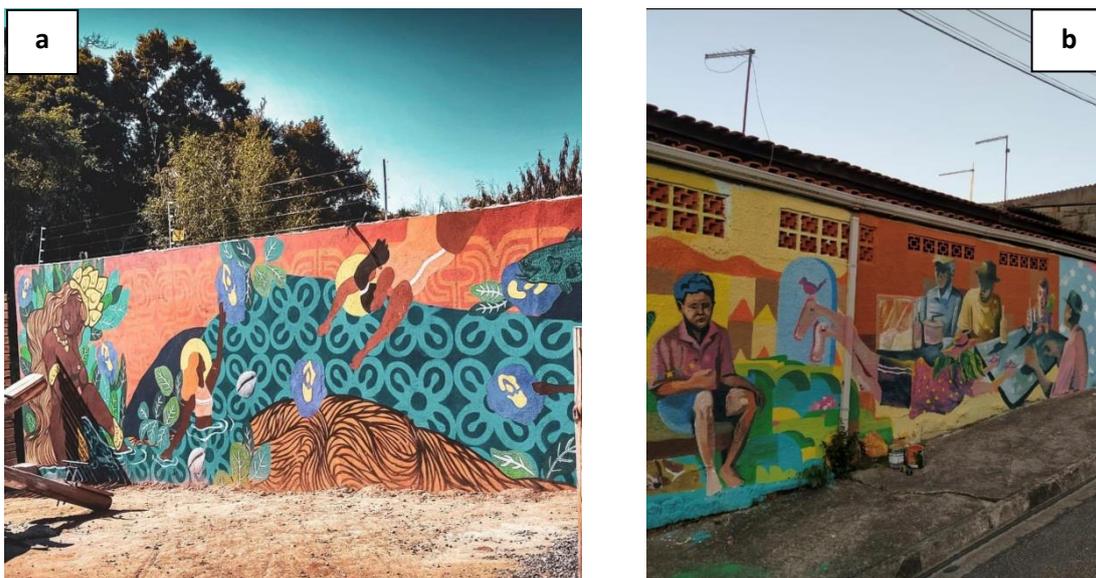
Como nos conta Jorge (2018),

No Jardim Pedramar encontramos cultura em seus múltiplos sentidos: cultura no cuidado com a terra – na produção orgânica e no cultivo do jardim, a Praça Guarani; a cultura como educação – na valorização do conhecimento, na biblioteca comunitária; a cultura na valorização da arte como possibilidade de educação e desenvolvimento de autonomia para as pessoas do lugar, no Espaço Cultura no Morro; a cultura na preservação do patrimônio histórico e da tradição – com a Capela de São Benedito e o grupo de moçambique; a cultura como arte popular, que desfila pelas ruas do lugar, no festival AgromeraArte (JORGE, 2018, p. 93).

Nessa experiência social dos moradores do Jardim Pedramar, a arte urbana é evidenciada de forma notável pelo *graffiti*, Figuras 13 (a) e (b). A Figura 13 (a) mostra uma arte urbana muralista com temática que combina o feminino com o abstrato na Praça Parque Imperial.

A Figura 13 (b) traz uma arte urbana muralista desenvolvida em colaboração entre a artista Pincelada Nômade (da cidade de Natal/RN) e o artista Douglas Reis (de Jacareí). A temática deste mural retrata o universo caipira e suas práticas.

Figuras 13 – Murais no Jardim Pedramar em Jacareí: (a) em uma praça; (b) em muro de uma residência



Fonte: (a) Perfil no Instagram de @ensaio_e_fotos; (b) Perfil no Instagram de @pinceladanomade

Os *graffitis*, batalhas de rap, manobras de *skate* ou um festival de *hip-hop* revelam um urbano multifacetado que, por meio destas e tantas outras dinâmicas culturais urbanas, transformam a paisagem da cidade e produzem diversas formas de sociabilidade e coletividade.

As dinâmicas culturais urbanas são caracterizadas por práticas individuais e coletivas ligadas às intervenções artísticas urbanas visuais (como

o *graffiti*, pichação/pixação², colagem de adesivos, estêncil, projeções de vídeos ou imagens, lambe-lambe, entre outros); às práticas ligadas ao *skate*; ao movimento *hip-hop* e outros movimentos musicais como o *funk*, *rap* e *samba*; aos esportes como o basquete e o *le parkour*, aos *slams* e batalhas de rimas; à dança urbana; à moda e tantas outras formas de expressão de urbanidade pelas vias culturais.

Estas práticas culturais cidadinas supracitadas clamam pela apropriação dos espaços urbanos a partir de suas próprias lógicas e são permeadas por cenários de conflitos em espaços públicos, segregações, gentrificação, luta por constituição de territorialidades, relações entre centros e periferias e pelas mobilidades. Ao clamar pela apropriação dos espaços urbanos, os cidadãos resistem e fazem a cidade pela via da construção coletiva de sentido e do desenvolvimento local.

Alinhavando as dinâmicas culturais urbanas ao campo do planejamento urbano e regional, a autora Lilian Fessler Vaz (2004, p. 2) destaca a cultura como elemento identitário urbano em um mundo “onde a modernização gerou a standardização e a homogeneidade” da paisagem das cidades, sendo que a “diferenciação através da pujança da identidade local se torna um trunfo essencial”. Essas transformações no pensar e no fazer cidade pelo viés cultural estão refletidas na passagem da “cidade da produção à cidade do consumo, dos tempos modernos aos tempos pós-modernos, da era industrial à era da cultura” (VAZ, 2004, p. 5).

Ainda sobre as transformações urbanas desencadeadas pela cultura, a socióloga Sharon Zukin (2000, p. 83) traz à luz a categoria de paisagem como “conceito-chave para compreendermos a transformação espacial”. A categoria “paisagem ampliou seu significado para incluir uma avaliação da cultura material, do “texto” e do processo social”. Desta forma, a “construção social de qualquer paisagem urbana combina poder político e econômico com legitimação cultural” (p. 86).

Neste fazer cidade que toma a cultura como estratégia e tática, a dinâmica das intervenções artísticas urbanas visuais traz a arte pública como um elemento de transformação de espaços. Neste sentido a arquiteta e urbanista Adriana Sansão Fontes (2012, p. 36) afirma que a “arte pública persegue tanto novas formas de interação com o usuário, quanto de diálogo com o espaço público, residindo aí a sua atualidade”. Ainda na visão da autora, “a intervenção de arte pública tem a potência de deixar marcas, reverberar, sendo um elemento transformador da paisagem que deixa marcas no espaço” (p. 41).

As marcas no espaço podem ser vistas em múltiplas localidades da cidade de Jacareí por meio da arte urbana muralista. O mural intitulado “Sobre todas as coisas” tem 100m de extensão e está localizado em um dos muros da

² A grafia da palavra pixação, com “x” e não com “ch” conforme rege a ortografia oficial, respeita “o modo como os pixadores escrevem o termo que designa sua prática. Esse modo particular de grafar é apontado por alguns pixadores como uma maneira de diferenciar-se do sentido comum atribuído à norma culta da língua: pichação. “Pixar” seria diferente de “pichar”, pois este último termo designaria qualquer intervenção escrita na paisagem urbana, enquanto o primeiro remeteria às práticas desses jovens que deixam inscrições grafadas de forma estilizada no espaço urbano” (PEREIRA, 2010, p. 143).

Escola Educamais São João, situada na Rua Chiquinha Schurig. O mural foi um projeto realizado pelo Sombrero Coletivo em outubro de 2020 e narra, por meio de ícones identitários do município, uma parte da história e da cultura popular de Jacareí, Figuras 14 (a) e (b). Sombrero Coletivo também atua no campo das artes plásticas e audiovisual.

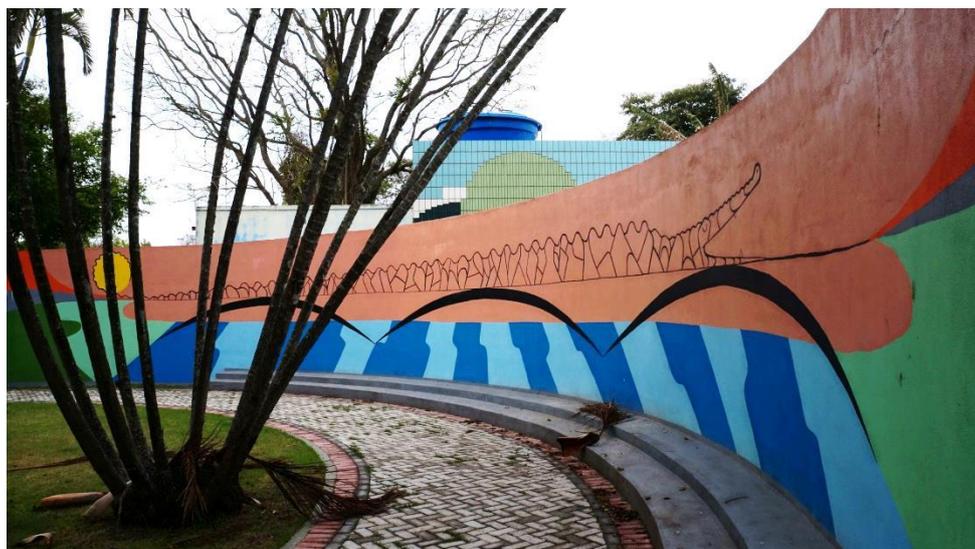
Figuras 14 (a) e (b) – Arte urbana muralista em Escola de Jacareí



Fonte: a autora (2021)

Nas proximidades da Escola Educamais São João está a Praça do Educador, que também recebeu um mural no ano de 2020, Figura 15. Desenvolvida pelo artista Pomey, esta arte urbana muralista traz em destaque um jacaré, animal símbolo da cidade pelo fato de nomeá-la. Existem duas hipóteses sobre a origem do nome “Jacareí”: a primeira vem de uma simples interjeição ligada à jacaré, e a segunda está centrada na hipótese da palavra vir do tupi-guarani – icare-ig – que significa “Rio dos Jacarés” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JACAREÍ, 2021).

Figura 15 – Arte urbana muralista em praça de Jacareí



Fonte: a autora (2021)

O Parque Linear Tupinambás³, situado na Avenida São Jorge no Jardim Santa Marina, também conta com arte urbana muralista desenvolvida por dez artistas locais contemplados por Editais da Lei Nº 14.017, de 29 de junho de 2020, mais conhecida como Lei Aldir Blanc voltada a ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante a pandemia de COVID-19 (BRASIL, 2020). A pintura de 16 murais ocorreu entre fevereiro e abril do ano de 2021 abrangendo temáticas que remetem à identidade e características da cidade, Figuras 16 (a) e (b).

A Figura 16 (a) mostra um *graffiti* desenvolvido a partir da técnica *throw up* pelo artista Mateus Viana (conhecido como OMATA) e a Figura 16 (b) retrata o mural intitulado “As crianças do Rio Paraíba”, desenvolvido pelo artista Douglas Reis.

Figuras 16 (a) e (b) – Arte urbana muralista no Parque Linear Tupinambás em Jacareí



Fonte: (a) Perfil no Instagram de @omata012_; (b) Perfil no Instagram de @douglas.reis_

As dinâmicas culturais urbanas na forma de murais evidencia uma cidade permeada de espaços ressignificados socialmente e culturalmente através da tinta que dá vida à arte de artistas locais em espaços públicos de Jacareí. Outras lógicas de uso e fruição do espaço são propostas à medida que as cores, traços, formas e ilustrações passam a compor a paisagem urbana. Desta forma, a urbanidade suplanta a mera dimensão funcional/capitalista por meio do imaginário e da utopia proposta pela arte urbana muralista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse artigo, uma compreensão global do território municipal de Jacareí foi combinada a uma aproximação de contextos locais da vida habitante, fazendo confluír as imagens de diferentes dinâmicas do viver urbano

³ Reportagem sobre os murais disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=O61sA4t6Zac>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

às dinâmicas culturais, propriamente ditas, que, por hipótese, expressam as tendências recentes de organização coletiva em vista da construção de utopias ou esperança engajada e de outras práticas políticas e experiências de construção de cidadania.

O modelo de urbanização e urbanidade entendido como sinônimo de projeto social e territorial passa a depender não mais da transposição de modelos homogeneizadores, mas da relação estabelecida entre os agentes sociais interessados em cada lugar, da produção de um sentido construído coletivamente e de um destino comum também estabelecido com base em interações e comunicação, esclarecimento mútuo e cooperação permanentes.

A vitalidade de uma cidade ou de um lugar qualquer resultaria da busca incessante de mudanças necessárias para responder a aspirações compartilhadas e demandas reais e encontrar o seu equilíbrio dinâmico, pelo uso da inteligência de todos os habitantes a serviço da construção coletiva de projetos flexíveis da vida social e de seu espaço e lugar.

Dessa forma, a matriz multinucleada de uma cidade ou território poderia se transformar, por um projeto social, em um novo sistema de centros da vida social, onde todos os fragmentos do tecido territorial e urbano podem encontrar e desenvolver sua força de ser centro, tornando-se singularmente tão importantes quanto os centros históricos ou de hegemonias pretéritas.

Entende-se em Bicudo (2009), que em todo lugar existe uma ordem (local) que também regula os processos e práticas sociais, onde há produção de um sentido e singularidades são geradas. É somente objetivando a formação social do lugar que as utopias, as políticas, as intervenções planejadas podem se legitimar. Os desígnios, projetos e planos concebidos, implantados e legitimados de “cima para baixo” exclusivamente, em algum momento e de alguma forma, tendem a ser contrariados, porquanto se transgrida a natureza dinâmica desses sistemas socioespaciais locais, e se subestime sua inteligência própria, com excessiva regulação.

As dinâmicas culturais urbanas jacareenses, desveladas neste artigo através de alguns exemplos de experiências comunitárias e ênfase na arte urbana muralista em centralidades e periferias da cidade, revelam como a urbanidade é gerada e transformada por ações coletivas na esfera pública e como as temáticas propostas pelos artistas nos murais possuem conexões com o lugar, o sentido do lugar.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Marcelo M. Padrões e singularidades. In: REIS, N. G. (Org.) *Sobre dispersão urbana*. São Paulo: Via das Artes, 2009, pp. 247-257.

BRASIL. *Lei Nº 14.017, de 29 de junho de 2020*. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

FERNANDES, Ana. Pesquisa Histórica e Cidades. *V Seminário do Programa de Pós-graduação Planejamento Urbano e Regional*, Universidade do Vale do Paraíba, março 9, 2020 – março 12, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tzRKYetyDpM&t=108s>

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JACAREHY. *Sobre a Fundação*. Disponível em: <http://fundacaocultural.com.br/sobre-a-fundacao/>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

GOMES, Cilene e OLIVEIRA, José Oswaldo S. de. Dinâmicas psicossociais, espaço humano e novos modelos de urbanidade: A caminho da construção de um campo de investigação no município de Jacaréi (SP). In: Javier Guevara y Eda Tassara y (editores). *Problemáticas socio-ambientales en territorios latinoamericanos*. México, 2013; ISBN 978-607-8093-34-2.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JORGE, Denise Batista Pereira. *Jardim, pedra, mar: um olhar arquetípico para a cidade*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.47.2018.tde-17072018-175235. Acesso em 30 de novembro de 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Perfil dos municípios brasileiros: 2018*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html?edicao=25506&t=publicacoes>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política: o direito à cidade II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016 (1972).

_____. *Le droit à la ville*. Antropos, Paris: 1968.

LÉVY, Jacques. (2014). *Entretien / Jacques Lévy à propôs du film Urbanité(s)*. Disponível em: <https://www.revue-urbanites.fr/entretien-jacques-levy-a-propos-du-film-urbanites-urbanityies/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

MACIEL, Lidiane; GOMES, Cilene; BECCENERI, Leandro Blaque. Movimentos Pendulares e Integração Regional no Vale do Paraíba e Litoral Norte no Estado de São Paulo: Uma análise a partir dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. *Caminhos de Geografia*. Uberlândia-MG v. 21, n. 78 Dez/2020 p. 192-210.

MAIA, Roberta Félix. SANTOS, Caroline Gonçalves. Espaço Público e Urbanidade: expressões da cotidianidade no Centro de Maceió - AL. *Anais XVIII ENANPUR 2019*. ISSN: 1984-8781. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anais>.

MOUFFE, Chantal. Quais espaços públicos para práticas de arte crítica? *Arte & Ensaios*, 0(27), 2018. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/ae/article/view/20752>. Acesso em 15 de nov. 2021.

MULLER, Nice Lecocq. *O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba – SP*. Rio de Janeiro, 1969.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. *Lua Nova*, São Paulo, n. 79, p. 143-162, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452010000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 de março de 2020.

POGREBINSCHI, Thamy. A democracia do homem comum: resgatando a teoria política de John Dewey. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 23, p. 43-53, nov. 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JACAREÍ. *Plano de Ordenamento Territorial*. PMJ, Jacareí, 2003.

_____. *Conheça Jacareí*. Disponível em: <https://www.jacarei.sp.gov.br/cidade/conheca-jacarei/>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

SANCHEZ, Fernanda. Políticas urbanas em Renovação: Uma leitura crítica dos modelos emergentes. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, N^o 1 / Maio 1999.

SANSÃO FONTES, Adriana. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. *Arquiteturarevista (UNISINOS)*, v. 8, 2012, p. 31-48.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, São Paulo, Editora Record, 2000.

SILVA NETO, Manoel Lemes. A interação técnico-econômica do território paulista. In: 2^o Encontro Brasileiro de Estudos Regionais e Urbanos, 2002. 2^o Encontro Brasileiro de Estudos Regionais e Urbanos - *Anais*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Regionais, 2002.

SILVA NETO, Manoel Lemes. *Seminário Ana Clara: Direitos humanos e justiça social na cidade I e II*. (12/11/2021). Cidade, saúde e sociedades justas. Disponível em: <https://youtu.be/KcdjTjdvIFE>

DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins; GOMES, Cilene; NOGUEIRA, Bianca Marques Costa. Olhares Netnográficos sobre Cultura, Desenvolvimento e Ações Coletivas no vale do Paraíba: netnografia de dinâmicas culturais no Vale do Paraíba. *Revista Ciências Humanas*, [S. l.], v. 14, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/752>. Acesso em: 14 set. 2021.

SOMEKH, Nádia. Por uma outra verticalização para as cidades brasileiras. Sessão livre do *XVIII Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*. Natal, 2019.

TRIGUEIRO, Edja; GOMES, Cilene. Implicações da Expansão Urbana no Centro Antigo de Natal: A Questão da transformação do Patrimônio Arquitetural. *Oculum Ensaios*, 14, Campinas, p. 26-39, julho-dezembro 2011

VAINER, Carlos Bernardo. Utopias urbanas e o desafio democrático. *Revista Paranense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 105, 2003, p. 25-31.

VAZ, Lilian Fessler. A 'culturalização' do planejamento e da cidade: novos modelos? *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*, Salvador, v. 1, 2004, p. 31-42.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Arantes, Antonio A. (org.) *O espaço da diferença*. Campinas, Papirus, 2000.